

## RESENHAS

### REVIEWS

---

DUTTON, Blake D. *Augustine and Academic Skepticism: A Philosophical Study*. New York: Cornell University Press, 2016.

CLODOALDO DA LUZ. Mestrando, *Universidade Federal do Paraná*, BRASIL  
clodoaldoluz@outlook.com

RECEIVED: 14/07/2018

ACCEPTED: 06/11/2018

O livro de Blake Dutton, *Augustine and Academic Skepticism: A Philosophical Study*, faz uma análise acurada da obra agostiniana *Contra os Acadêmicos*. A contribuição do livro à reflexão sobre a referida obra é uma consideração sobre o projeto de refutação da postura cética acadêmica.<sup>1</sup> Nele se pode rastrear a gênese do cogito agostiniano.

Dutton estrutura sua análise em três seções: a primeira seção contém a *Introduction* e o capítulo 1 *Augustine and the Academics*; a segunda seção é intitulada por Dutton como *Part I: Discrediting Academic Skepticism as a Philosophical Practice*, sendo ela composta por 5 capítulos: iniciando pelo capítulo 2 *Socrates, the Academic, and the Good Life*, até o capítulo 6 *The Error of the Academics*; e a terceira seção nomeada pelo autor de *Part II: Vindicating the Possibility of Knowledge*, sendo ela, também, constituída por 5 capítulos: estendendo-se do capítulo 7 *The Academic Denial of the Possibility of Knowledge* ao capítulo 11 *First-Person Truth*. E nelas duas questões se apresentam: (i) qual a importância da resposta de Agostinho ao desafio cético acadêmico e (ii) de que forma Agostinho responde à PCA? Nesse sentido, ele, no transcorrer de sua obra, oferece elementos que auxiliam o leitor a responder essas indagações.

Já na *Introduction*, Dutton apresenta ao leitor dados para responder a questão (i) qual a importância da resposta de Agostinho ao desafio cético acadêmico? Segundo o autor, a resposta de Agostinho ao desafio da PCA fora essencial para mitigar o interesse pela literatura filosófica cética no medievo e, também, como tal resposta agostiniana pode ser considerada moderna, pois apresenta elementos tipo ‘*cogito*’, aos quais se assemelhará no futuro ao cogito cartesiano. Isto se deve ao fato de que a resposta de Agostinho ao desafio cético acadêmico, conforme se verá na análise de Dutton, se ampara na pura inteligência e não nos sentidos. Com isso, Dutton quer dizer que tal solução ao nortear-se pela intuição, apresenta elementos que remetem ao campo da subjetividade, como por exemplo, a pessoa que é ciente de que percebe algo. Semelhante temática é peculiar à Filosofia Moderna.

Tendo oferecido elementos que auxiliam o leitor a dar-se conta da importância da resposta agostiniana à PCA, Dutton, no capítulo 1 *Augustine and the Academics*, faz uma breve exposição da vida de Agostinho. Nessa concisa biografia agostiniana, o



autor menciona a frustração do hiponense perante a aparente extravagância das Escrituras Sagradas e a incoerência da solução racional disponibilizada pelos maniqueus. Isso o fez considerar sensata a PCA, pois a seu ver, conforme indicava essa postura, que Agostinho lera na Acadêmica de Cícero, a contemplação da verdade não estava ao alcance do homem e, por isso, devia-se suspender o assentimento. Contudo, o encontro com Ambrósio o convenceu a ler de forma alegórica as Escrituras Sagradas. A releitura das Escrituras Sagradas sob esse viés alegórico e a tradução dos livros neoplatônicos, possivelmente as obras de Plotino e Porfírio, realizada por Mário Victorino, foi o que lhe possibilitou encontrar uma nova orientação filosófica. E com essa, a certeza de que a verdade é acessível ao homem. Para reafirmar tal possibilidade, Agostinho empreendeu, com seus amigos, no refúgio de Cassiciaco, um projeto de refutação da PCA.

Dada a importância para Agostinho de reafirmar a possibilidade do homem contemplar a verdade, como bem apresenta Dutton, se fazia mister responder ao desafio cético acadêmico. Mas, de que forma surge essa PCA que Agostinho visa refutar?

Respondendo esta questão, neste capítulo, Dutton revisita a contenda entre acadêmicos e estóicos. A origem dessa se deu quando Arcesilau (316 a.C.–241 a. C.) e Carnêades (214 a. C.–129a. C.) defenderam que o conhecimento era inacessível ao homem e que se faria necessária a plena suspensão do assentimento. Tal posicionamento se deu por causa do critério de verdade estabelecido por Zenão de Cítio (334a. C.–262 a. C.), a saber, a representação cataléptica,<sup>2</sup> que pressupõe que pelos sentidos é possível obter o conhecimento. Essa concepção ia na contramão da doutrina platônica defendida pela Academia. Ela fez com que Arcesilau e, posteriormente, Carnêades assumissem uma postura cética em relação ao conhecimento.

Com essa apresentação da postura cética acadêmica, encerra-se a primeira seção do livro de Dutton.

As outras duas seções de sua obra focam na resposta de Agostinho à PCA. A partir desse momento, Dutton oferece ao leitor elementos para uma possível resposta à questão: (ii) de que forma Agostinho responde à PCA? Destarte, ele continua, nas duas seções restantes do seu texto, uma análise pormenorizada do *Contra os Acadêmicos*, defendendo que o projeto agostiniano possuía duas finalidades: (a) a refutação da PCA como filosofia prática viável e (b) a reivindicação da possibilidade do conhecimento.

Com o intento de apresentar estes fins do projeto agostiniano de refutação da PCA, Dutton reflete sobre a descaracterização de tal postura como filosofia prática viável na parte I: *Discrediting Academic Skepticism as a Philosophical Practice*. Para ilustrar sua crítica, Agostinho conta duas anedotas: (1) a dos dois viajantes e (2) a do jovem acusado de adultério.<sup>3</sup> Nessas estórias, ele visa mostrar que a verossimilhança defendida pelos acadêmicos, como critério prático de ação, não serve de referencial prático.

A reivindicação do conhecimento é a segunda finalidade do projeto de refutação da PCA. Por isso, ela é o tema central da Parte II: *Vindicating the Possibility of Knowledge*. Desse modo, nessa seção de sua obra, Dutton vai apresentar de que forma Agostinho irá reivindicar a possibilidade do conhecimento ao homem: primeiramente pelo critério de verdade estóico, depois pelos conhecimentos no âmbito filosófico e por fim pelo conhecimento das verdades em primeira pessoa, a partir da qual germinará o cogito agostiniano. Refletindo sobre ela, conforme assevera Dutton no capítulo 8 *The Apprehensible Truth*, o hiponense enfatiza que, necessariamente, ela é ou verdadeira ou falsa. Não importando se ela é verdadeira ou falsa, algo já se pode conhecer: que a representação cataléptica é verdadeira ou falsa. Agostinho, ao prosseguir a reivindicação da possibilidade do conhecimento, pressupõe a existência de possíveis conhecimentos na esfera filosófica, sob a orientação da tríplice divisão da filosofia: física, ética e lógica. Da mesma forma que fizera com o critério estóico da representação cataléptica, o hiponense continua a se embasar na veracidade ou falsidade das proposições. Mas, agora se utilizando das proposições disjuntivas e do *Modus Ponens*. Com o intuito de que entre duas proposições contraditórias, uma necessariamente é verdadeira e a outra falsa, ou vice-versa. Pois de duas contraditórias uma terá que ser verdadeira e a outra falsa. Isto já é um conhecimento. Muito embora não se possa saber qual das duas partes é a verdadeira e qual é a falsa.

Contudo, santo Agostinho vai além das proposições disjuntivas na reivindicação do conhecimento. Pois, conforme bem explana Dutton, Agostinho apresenta outro possível tipo de conhecimento: das coisas tais e quais se apresentam à pessoa. Exemplos dessa possibilidade de conhecimento são: isso me parece branco e as folhas da oliveira para mim são amargas. Após essa suposição, Dutton apresenta o rol de possíveis conhecimentos suscitados por santo Agostinho, a saber: (1) possíveis conhecimentos matemáticos, (2) possíveis conhecimentos tautológicos, (3) possíveis conhecimentos dialéticos; (4) possíveis conhecimentos das coisas tais e quais se apresentam à pessoa. Mediante esse último possível tipo de conhecimento é que Dutton, no capítulo 9 *Platonism and the Apprehensible Truths of Philosophy*, explana que quando a alma tem ciência de que é capaz de percepção, ela pode, gradualmente, através do autoconhecimento, ascender ao conhecimento de Deus. Ao proceder tal inferência, Dutton, de forma pontual, afirma que o conhecimento para Agostinho não é obtido através dos sentidos e sim do ato puro do intelecto, o conhecimento das coisas tais e quais se apresentam à pessoa é obtido através da pura intelecção. Pois, semelhante tipo de conhecimento advém não dos sentidos e sim da introspecção. Por isso, ele é um argumento suficientemente contundente para Agostinho responder ao desafio da PCA.

Após afirmar tal êxito de Agostinho, Dutton assevera no capítulo 11, *First-Person*, que no *Contra os Acadêmicos* é possível se rastrear a gênese do cogito agostiniano, o qual se inscreveria como o possível tipo de conhecimento em primeira pessoa. E com o

escopo de analisar a incidência do cogito na literatura filosófica de Agostinho, Dutton revisita as seguintes obras agostinianas: *Soliloquios*, *O Livre-Arbítrio*, *A Trindade e A Cidade de Deus*.

O fato de revisitar uma temática tão importante para a História da Filosofia — a resposta de Agostinho à PCA — já mostra a importância da obra de Dutton. Nesse livro o autor faz uma reflexão sobre as motivações de tal postura, de que forma ela levou Agostinho a considerar a impossibilidade do homem em contemplar a verdade e como o Hiponense reconsidera sua aceitação do posicionamento cético acadêmico. Ao fazê-lo o Hiponense constrói seu projeto de refutação da PCA. Nessa esteira, Dutton destrincha tal projeto agostiniano, analisando as suas duas finalidades. Em tal procedimento, o autor de forma clara e pontual, elucida ao leitor elementos importantes que o ajudam a entender a dinâmica da resposta de Agostinho ao desafio cético acadêmico.

Pela clareza e precisão do autor, a leitura da obra transcorre sem maiores dificuldades. Pois, também, os conceitos durante a obra são explicados e são conectados a obras posteriores do hiponense. Logo, o autor oferta um mapa conceitual que possibilita ao leitor compreender a resposta de Agostinho à PCA e os possíveis desdobramentos de tal solução.

O que fica a desejar na obra é a divisão que Dutton faz da mesma. O autor divide o seu texto em três seções, sendo que a primeira é composta da *Introduction* e o capítulo 1: *Augustine and the Academics*. Tal atitude é pouco convencional e por tal acarreta uma certa dificuldade ao leitor. Porque fica parecendo que o conteúdo do capítulo 1: *Augustine and the Academics* é um prolongamento da *Introduction*. O que pode confundir um pouco o leitor sobre a forma que o autor organiza o seu texto.

Embora a forma que o autor divide a sua obra cause certo espanto ao leitor, a obra de Dutton é uma consideração não desprezível para a compreensão da resposta de Agostinho ao desafio cético acadêmico. Porque o autor apresenta ao leitor, de forma clara e precisa, cada passo da construção do projeto agostiniano de refutação da PCA, e, também, por dar a conhecer ao leitor elementos que confirmam a possibilidade de rastrear no, *Contra os Acadêmicos*, a gênese do cogito agostiniano.

## Notas

<sup>1</sup>Doravante, quando se fizer menção à designação ‘postura cética acadêmica’, se utilizará a seguinte nomenclatura: PCA.

<sup>2</sup>A palavra cataléptica significa aquilo que se prende fortemente a algo. Assim, para os estoicos haviam as representações catalépticas e as representações não-catalépticas. As catalépticas são aquelas pelas quais o homem pode apreender a realidade que se fixa fortemente no mundo material; já as não-catalépticas, são as representações que não possibilitam ao homem apreender a realidade. Como para os estoicos, o homem obtém o conhecimento a

partir dos sentidos, captando sensivelmente a realidade que se inscreve nas coisas, as representações catalépticas possibilitam ao homem o conhecimento, pois mostram a realidade que se inscreve no mundo material. Assim, a representação cataléptica seria capaz de mostrar fidedignamente a realidade ao homem.

<sup>3</sup>Agostinho conta duas estórias para ilustrar sua crítica ao critério de ação utilizado pelos acadêmicos, a saber: a verossimilhança. Na primeira anedota, o hiponense narra que havia dois viajantes que tinham o objetivo de chegar no mesmo destino. Um deles se guiava pela verossimilhança acadêmica, o outro não. Num determinado momento do percurso, os dois se deparam perante uma bifurcação e veem um pastor. Perguntam a ele qual caminho tomar para chegar ao seu destino. O transeunte que não se guia pela verossimilhança assente à indicação do pastor e prossegue seu caminho, enquanto o que se guia pelo critério acadêmico do verossímil não concede o seu assentimento à informação dada pelo pastor, e fica parado. Mas percebendo que não é prudente ficar inerte e vendo no caminho um senhor com vestes elegantes, pensa que é verossímil perguntar a tal homem qual deve ser o caminho a seguir, e assentir à indicação que esse lhe concederá. No entanto, esse homem é mentiroso e por tal acaba lhe dando uma informação errada. Assim, o viajante que aceitou a dica do pastor já se encontra em seu destino, enquanto o outro seguindo uma pista falsa, fica a andar sem rumo definido. A segunda anedota é a de um jovem, que ouvindo a exortação dos acadêmicos, da verossimilhança, entende que é verossímil atentar contra a honra de uma senhora. Esse jovem adúltero é pego no flagra e, conseqüentemente, levado ao tribunal. Levando em consideração que os envolvidos no julgamento são guiados pela verossimilhança acadêmica, inclusive o advogado de defesa, o jovem será condenado. Pois eles concluirão que é verossímil que o jovem pecou ao se deitar com uma senhora. Logo, o jovem será condenado. Com efeito, o mesmo critério que fez o mancebo agir dessa forma, a verossimilhança, também será a mesma diretriz que será utilizada para sua condenação. Portanto, apesar de ter agido segundo a verossimilhança acadêmica, esse jovem será condenado. Partindo dessas estórias Agostinho visa mostrar que a verossimilhança acadêmica é inviável no cotidiano.